

A imagem paterna sob um olhar derridiano

The paternal image under a derridean look

Rosana Arruda de Souza¹

Resumo: este artigo tem como objeto de análise os seguintes textos: *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa (1962); *Ressentimento*, de Souza (2018); e *Retrato*, de Joe Sales (2019). O objetivo é tecer um contraponto a respeito da imagem paterna presente nesses textos, apontando semelhanças e diferenças de um texto a outro, quanto a relação pai e filho; o jogo de identificação e repulsa presente em tal relação; e o porquê daquela imagem perdurar num contexto em que os sentimentos se fazem tão fugazes.

Palavras-chave: Imagem paterna; identificação; repulsa.

Abstract: this article has the following texts for analysis: *The third bank of the river*, by Guimarães Rosa (1962); *Resentment*, by Souza (2018); and *Portrait*, by Joe Sales (2019). The objective is to make a counterpoint regarding the father image present in these texts, pointing out similarities and differences from one text to another, how the relationship between father and son; the game of identification and repulse present in such a relationship; and why that image lingers on a context when feelings are so fleeting.

Keywords: Paternal image; identification; repulse.

O que é vertigem? Medo de cair? Mas porque temos vertigem num mirante cercado por uma balaústra sólida? Vertigem não é o medo de cair, é outra coisa. É a voz do vazio debaixo de nós, que nos atrai e nos envolve, é o desejo da queda do qual nos defendemos aterrorizados.

Milan Kundera

Introdução

A ideia deste artigo surgiu quando observamos a reincidência da imagem paterna em alguns textos da literatura brasileira. Coincidentemente, esses textos vêm

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

carregados de uma introspecção muito forte, provocam um arrebatamento sem igual no leitor: tratam do pai, referente basilar nos sentimentos mais profundos e complexos.

Chama-nos a atenção o fato de o pai perdurar na temática dos textos, justamente num período contemporâneo, ou pelo menos num recorte dele, em que os vínculos afetivos parecem fragilizados: escassearam os almoços de fim de semana em que se reuniam toda a família; as conversas reais escassearam e deram lugar às mensagens ocas do *WhatsApp*; e, se por um lado aumentaram os filhos a permanecerem cada vez mais tempo na casa dos pais, pergunta-se se essa presença filial na casa paterna se deve a um sincero valor afetivo, ao desejo de manter vivo o laço familiar, à preocupação em cuidar dos pais em sua fase idosa, ou, simplesmente, a um resistir temeroso de bater as próprias asas e alçar o próprio voo e romper, não o laço, mas a imagem paterna.

Tais questionamentos são muito mais profundos se levarmos as discussões sobre a fugacidade das coisas no mundo contemporâneo lotado de consumidores: o consumo determina tudo, consome-se tudo, até o amor teria virado moeda de troca,

e assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 18).

Então, se estamos nesse momento de consumismo, em que tudo virou bem não durável, por qual razão preserva-se a imagem paterna? De maneira mais direta, compreendemos que os sentimentos saíram de moda – ama-se hoje, ama-se agora, daqui a cinco minutos não se ama mais. Além disso, há que se questionar que nos textos a serem tratados aqui, tal imagem não necessariamente vem atrelada a um sentimento afável, tranquilo, a presumir uma relação afetiva positiva – às vezes o pai vem como o referente de relutância, algo contra o que se luta com toda força para se separar, mas não é possível. Há um medo de que, ao deixarmos a imagem se esvaír de nossas vidas, seremos nós a findarmos também, como se ela estivesse ligada ao nosso começo de vida e ao nosso fim.

Nosso objeto de análise abrange: *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa (1962); *Ressentimento*, de Souza (2018); e *Retrato*, de Joe Sales (2019). Para tratar das

questões aqui expostas, recorreremos a Zygmunt Bauman, a Derrida e a demais autores que possam alimentar a discussão. No caso do primeiro, poremos em pauta a fugacidade dos sentimentos no mundo contemporâneo; já o segundo, com suas teorias, no nosso entender, contrassensuais, nos ajudará a refletir justamente o contrassenso de quando algo de tamanho teor sentimental reincide ante o mundo assim descrito.

1. Contraimagem

O conto *A terceira margem do rio* foi publicado em 1962, no livro *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa. Narrado em primeira pessoa, o conto traz um filho inominado, e sua família com integrantes também inominados: a mãe, dois irmãos e o pai, o qual decide deixar toda a família para ir viver num grande rio, dentro de uma canoa.

O pai é descrito como cumpridor, ordeiro, positivo e quieto; e o rio, onde ele fora se assentar, “grande, fundo, calado que sempre” (ROSA, 1994). Toda a família estranhou no dia em que ele encomendou a canoa, imaginaram que fosse para pescaria ou caçada, mas o pai nada dizia, até que, chegada a partida, apenas foi, sem alegria nem cuidado, ante o bramar da esposa: “Cê vai, ocê fique, você nunca volte” (ROSA, 1994, p.410):

nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho (ROSA, 1994, p. 410).

Basicamente, a partir daí, vemos na história a busca de um sentido para a atitude do pai: algo nunca feito por ninguém até então, tendo causado estranheza tanto para família, quanto para os vizinhos. Tendo ido permanecer no “meio a meio” do rio, ele teria quebrado um paradigma e criado uma terceira margem, não do rio, mas da própria vida.

O pai se transforma em uma imagem, algo como um espectro, sempre a perdurar naquela família e sobretudo, como veremos, para o filho narrador; mas ausente ao mesmo ao tempo, um referente não afeito a grandes explicações, ele simplesmente há

de estar ali. Dessa forma, o olhar derridiano vem a contento, pois ele veio dar legibilidade justamente a situações pausadas na incoerência da vida, a começar pela própria escrita.

A partir do fragmento citado, toda a história irá circundar a imagem paterna: aquela que restou, para quem ficou às margens do rio, e aquela postada no meio dele, quase estática, persistente na empreitada. Os primeiros ficarão preocupados, atentos àquela empreitada, abrupta, nunca antes vista por lá, procurarão até formas de trazer o homem de volta:

mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala (ROSA, 1994, p. 411).

No entanto, o nunca visto ficará ali mesmo, permanecerá, e a quem ficou às margens restará ao invés de o olhar ante uma coisa sem sentido, o olhar por aquele que se decidiu por um caminho outro na vida: “a gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos” (ROSA, 1994, p. 411).

O filho narrador afirma que eles tiveram de se acostumar, embora nunca tenham se acostumado na verdade. Ou seja, estamos diante de uma situação em que duas polaridades se confortam: o inaudível foi, se não aceito, confortado, pois a resposta do pai àquela empreitada nunca veio, mas ambos permaneceram, os da margem e o do meio do rio, apaziguaram-se e conviveram daquele jeito mesmo, ante a diferença inaudível. Por isso dissemos antes da legibilidade pautada a certas situações da vida, ao invés de inteligibilidade. Aquilo não era inteligível, pois não podia ser compreendido, porque a resposta nunca veio, porém todos leram a empreitada paterna, deram legibilidade a ela, sobretudo o filho narrador.

Diante disso, acreditamos que a história pode ser vista sob o olhar derridiano. Grosso modo, podemos dizer que Derrida se esforçou para explicar que a linguagem, dentro daquilo nomeado por ele de escritura, dispensa significados, pois tudo se

acomodaria numa cadeia de significantes a puxarem outros significantes. Assim, achar um sentido para os signos nada faria além de inflacionar a linguagem, limitando-a.

[...] a escritura compreenderia a linguagem. Não que a palavra escritura deixe de designar o significante do significante, mas aparece, sob uma luz estranha, que o significante do significante não mais define a reduplicação acidental e secundariedade decaída. Significante do significante descreve, ao contrário, o movimento da linguagem: na sua origem, certamente, mas já se pressente que uma origem, cuja estrutura se soletra como significante do significante, arrebatava-se e apagava-se a si mesma na sua própria produção. O significado funciona aí desde sempre como uma significante (DERRIDA, 1973, p. 08).

O autor defende a importância da escrita relegada durante muito tempo, ante a superioridade da fala. Dava-se mais valor a essa última, detinha o conhecimento quem tinha o poder da voz, ou seja, o audível, já a escrita viria apenas como suplemento da voz:

o privilégio da *phoné* não depende de uma escolha que teria sido possível evitar. Responde a um momento da economia (digamos, da "vida" da "história" ou do "ser como relação a si"). O sistema do "ouvir-se falar" através da substância fônica – que se dá como significante não-exterior, não-mundano", portanto não-empírico ou não-contigente – teve de dominar durante toda uma época a história do mundo, até mesmo produziu a ideia de mundo, a ideia de origem do mundo a partir da diferença entre o mundano e o não-mundano, o fora e o dentro, a idealidade e a não-idealidade, o universal, o transcendental e o empírico etc. (DERRIDA, 1973, p. 09).

O autor observou as coisas de outra maneira, passando a defender a escrita como escritura, um processo bem articulado por si só e com seu valor próprio, dando vulto, portanto, àquilo que antes vivia desvalorizado.

No caso do conto em análise, os pensamentos de Derrida nos ajudam a dar vazão ao sensível da história, sem nos contentarmos com um pensamento raso, em que o leitor meramente apontaria a atitude do pai como um gesto tresloucado. Na realidade, esta última adjetivação seria o inteligível esperado numa leitura em que se procura uma construção fechada seja entre os signos, seja entre as ideias, seja entre os personagens, seja entre as atitudes. É preciso desconstruir algumas imagens para poder ler a imagem do pai que parou no meio do rio e não subiu nem desceu podendo indicar, subindo ou descendo, se sua atitude se devia de repente a uma escassez de afeto pelos que ficaram à margem:

nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — “Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...”;

o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse (ROSA, 1994, p. 412).

E a vida seguiu seu curso. A família do pai se movimentou rumo a novas paragens, só o filho narrador ficou para trás:

minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito (ROSA, 1994, p. 412).

Entretanto, o derradeiro da história aparece quando o filho narrador insurge num gesto de coragem a ponto de ruir a imagem paterna:

sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo (ROSA, 1994, p.412).

O pai pela primeira vez ao longo de sua empreitada foi interpelado a voltar, pois havia alguém para ocupar o seu lugar. Porém, o gesto de ocupar o lugar do outro exige muita coragem; exige uma coragem sem igual. E o filho voltou atrás no seu intento, fraquejou na tamanha articulação de sentidos a intercorrer de tal situação:

ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão (ROSA, 1994, p. 413).

À história, portanto, deve-se atribuir muito mais do que o apego ao inteligível, devemos sim nos desatrelar deste último, pois

[para] Derrida o sentido é algo sempre por ser elaborado, remanejado, deslocado, etc., em função dos sujeitos relacionados aos atos de fala e/ou de escrita. Tais sujeitos são o autor, falante ou escritor, e o leitor ou leitora, que

pode, por sua vez, se tornar autor/falante/escritor a partir da leitura que realizam (NASCIMENTO, 2004, p. 14).

Assim, nem a verdade nem a falsidade como valores hermenêuticos orientam a atividade derridiana, ela seria mais da ordem de uma cena, a cena da leitura, em que se enuncia um novo discurso (NASCIMENTO, 2004). Diante disso, podemos nos desatrelar da imagem constituída pelo homem que constrói uma canoa e vai ficar no meio do rio, pois a imagem paterna de que trata a história é/vale muito mais que isso, é algo a pairar entre o permanecer e o restar, num raciocínio existencial em que não sabemos bem, do pai e do filho narrador, quem permaneceu e quem restou de fato. Em melhores palavras, para Yudith Rosenbaum, a terceira margem do rio promove a situação

de alguém que vai para um lugar estável dentro do movimento. Talvez seja o lugar mais verdadeiro dos humanos, porque no fundo nós somos seres de passagem. É um texto justamente sobre o enigma, e o enigma tem de ser mantido, não é para respondê-lo. Claro que tem uma morte aí – esse pai vai para um lugar nenhum. Mas quando o filho pede para que ele volte [...] o filho fica assustado e foge.

O momento em que o sujeito diz, no final do conto “pai, vem que eu tomo o seu lugar”, e quando o pai vem e ele desiste, é impressionante, porque a morte é algo absolutamente único e pessoal, e na hora que o filho rompe e não vai para o lugar do pai me parece que é o momento em que ele de fato faz o maior sacrifício, que é não fazer o caminho do outro; e como ele se liberta quando ele diz não para o pai, só no final da vida dele (ROSENBAUM, 2016).

Como podemos ver, a estudiosa acima articula uma relação de sentidos um pouco diferente da que apregoamos. Para ela, ao contrário do que afirmamos anteriormente, dizer não e não ocupar o lugar do outro (ou fazer o caminho do outro, como ela diz) é o que consistiria um sacrifício, ou, no nosso entender, um gesto de coragem. Porém, como estamos numa leitura derridiana, ponderamos que, no fim das contas, o lugar do outro consiste um enigma, e ocupá-lo ou não também são atitudes únicas e pessoais, incide na decisão muito grande entre o permanecer, pois “de nosso pai não se podia ter esquecimento”; e o restar, como o fez o filho narrador, “eu fiquei aqui, de resto” (ROSA, 1994, p. 413).

2. Ressentimento e retrato

Analisaremos, agora, os demais textos integrantes de nosso objeto, a começar por *Ressentimento*, poema, publicado em 2018 pela revista *Intransitiva*.

Saiu de casa aos dezoito anos de idade
Não havia emprego para ele naquela cidade
Foi caçar pedra preciosa
Tornar a vida mais valorosa
Foi descobrir o mundo
Mas carregava algo de iracundo:
Ressentimento,
Lamento
Pela falta de despedida do pai
É a vida que cai
Na sina de quem tem que partir e seguir seu rumo
Por que o pai não teve o prumo
De despedir-se do filho?
Ele olhou o filho no olho
Mas optou pelo silêncio
Estava feito o prenúncio?
Adiante, haveria nova ausência de despedida
A palavra “adeus” perdida
No silêncio de quem chega
Ao vilarejo de Guiratinga
Antes de tudo, porém,
A ascensão do filho que partiu
Ele descobriu o mundo
E o mundo o descobriu
Foi humilhado, foi exaltado
Seguiu o exemplo do pai
É a vida que cai
Na identidade de personalidades
São polaridades
Pai e filho, reflexo um do outro
O filho decidiu viver de atender ao outro
Pois tinha jeito para lidar com gente
Trabalha todo dia contente
Embora a vida não lhe tenha dado motivos
Para ser feliz entre a gente
Tanta gente na lida de comerciante
O garimpeiro virou dono de si
Dono de si
Mas o passado bate à porta
O reencontro a toda monta
Pediram que voltasse
Depois de anos e anos de ausência e entrelace
De pai e filho
Ele não olhou o filho no olho
Pois não havia mais tempo
Novamente, a despedida incompleta
Já havia ido à vida eterna
Olhar o filho lá de cima
Pois era homem rigoroso
E não gostava de despedidas (SOUZA, 2018, p. 12-14).

O poema acima traz, ao contrário de *A terceira margem do rio*, o filho que decidiu partir e enfrentar o mundo. Então, ao invés de ficar à margem, foi ele próprio buscar a sua terceira margem, mas algo ficou irredutível em tal ímpeto de coragem – talvez um resquício indestrutível da imagem paterna a vir a perdurar na vida do filho – a ausência da despedida: “Foi descobrir o mundo/Mas carregava algo de iracundo/Ressentimento,/Lamento/Pela falta de despedida do pai” (SOUZA, 2018, p. 13).

Segundo Luciano da Motta Pereira, ao tratar da figura paterna na ficção brasileira contemporânea:

ao se deslocarem para o passado, pais e filhos colocam-se perante o dilema de rejeitarem, incorporarem ou ressignificarem o legado familiar. No ponto de choque entre gerações e de crise de identidade, a alternativa mais viável para alguns é a fuga – deixar tudo para trás e recomeçar a vida em outro ambiente, ainda que por dentro continuem sendo corroídos pelas rugas paternas, pela carência de diálogo e afeto, pelo sentimento de não pertencimento (PEREIRA, 2017, p. 401).

Pereira (2017) parece considerar, pois, a partida como o caminho mais fácil, “alternativa mais viável [...] a fuga”. Entretanto, levando em conta o desfecho do filho narrador no conto de Guimarães Rosa, fica difícil, muito difícil, julgarmos seja a partida seja a permanência como o caminho mais fácil ou mais difícil. O filho narrador ficou, mas o rio de sua vida parece ter carecido de um curso e nada restou a ele além da culpa, do “falimento” (ROSA, 1994), por ter resistido ao derradeiro de anular-se de vez em prol da imagem daquele homem:

sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio (ROSA, 1994, p. 413).

Seria mais viável pensarmos em pai e filho como polaridades a refletirem uma outra, vivendo ali no jogo de identificação e repulsa – o próprio jogo da vida. Como Pereira (2017, p. 403) coloca, “são sujeitos à deriva, continuamente indo e vindo, de um lugar a outro, de um relacionamento a outro, tentando encontrar seus próprios caminhos”. Assim, ao invés de uma imagem sobrepor a outra, como numa sobreposição do permanente sobre o resto, falamos de imagens a se refletirem, a lerem respeitosa e uma a outra. Ora, se o pai, seja no *Ressentimento*, seja na *Terceira*

margem, teve imagem a fazer-se/lida na vida de outrem, nada mais justo que o filho também tenha imagem, mas para que esta seja construída, é preciso partir, conhecer novas pessoas, porque não dá para fazer imagem sobre o nada – o resto se abstém de imagem.

Em outras palavras, se o perdurar da imagem paterna na vida do filho constitui algo positivo, por que então o lamento, o ressentimento (SOUZA, 2018) e a culpa e a necessidade do perdão (ROSA, 1994)? Seria, no primeiro caso, apenas pela falta de despedida, e no segundo, pelo falimento de não ocupar o lugar do pai? Ou o lamento, a culpa e o ressentimento residem na relutância em se ruir a imagem?

Zygmunt Bauman faz a seguinte reflexão sobre o ressentimento:

Para Nietzsche, o *ressentimento* é aquilo que o abatido, o desprovido, os discriminados e os humilhados sentem por seus “superiores” (os autoproclamados e autoestabelecidos superiores): o rico, o poderoso, o livre para a autoafirmação e capaz de se autoafirmar, aquele que reivindica o direito a ser respeitado com o direito de negar (ou refutar) aos inferiores o direito à dignidade.

[...]

Poderíamos dizer que a causa mais profunda do ressentimento é a agonia dessa insolúvel ambivalência, ou, como diria Leon Festinger, dessa “dissonância cognitiva” (BAUMAN, 2011, p. 35).

Nessa ótica, podemos avaliar que a partida do filho em *Ressentimento* e o a negação do filho no derradeiro de *A terceira margem* se articulam como tentativas de resolução dessa “insolúvel ambivalência”, como diz Bauman (2011), ou em palavras mais simples, constituem a tentativa de fazer o caminho outro e se libertar (ROSENBAUM, 2016).

Passemos agora à análise do terceiro texto de nosso objeto:

Retrato
o olhar de meu pai
me faz recordar
às tardes em que lia
os salmos
e achava ali
sutileza
e remanso

agora
longe desse homem
e das palavras de seu sagrado

sinto em minha carne
o vazio de um estrangeiro
a buscar sentido
noutras palavras (SALES, 2019).

O poema em cena faz parte da obra *Impermanências* (2019), do escritor mato-grossense Joérmerson de Oliveira Sales. A princípio, observa-se a ausência de algum conflito entre o pai e filho, em função da presença de signos como sutileza e remanso, na primeira estrofe. Assim, o pai aí viria sob uma leitura outra em relação ao pai observado nos dois textos anteriores.

No entanto, na segunda estrofe, a leitura muda de curso: o eu lírico se vê longe do pai, como ele diz “desse homem” e a distância resulta “no vazio de um estrangeiro a buscar sentido noutras palavras”. Desse modo, novamente se observa o pai como imagem a se sobrepor sobre filho, pois este, longe daquele, sente-se como estrangeiro e necessita buscar sentido em outras palavras.

O estrangeiro, além de referenciar aquele vindo de fora, também pode ser entendido como aquele a se sentir de fora ou a ele foi conferido à situação de estar de fora. Em melhores palavras, os estrangeiros são tomados por pouco familiares e incompreensíveis, à medida que o diálogo e a interação, que poderiam assimilar sua “alteridade” em relação aos mundos dos outros desabem, ou nem sequer cheguem a decolar (BAUMAN, 2011).

Ao sentido, por sua vez, numa ótica derridiana, atribuímos a própria representação simbólica do pai – o sentido como aquilo a podar a palavra, a interromper a escritura. Assim, quando ao eu lírico se relacionam os signos estrangeiro e sentido, do modo exposto no poema, entendemos que o pai se transforma em imagem similar à articulada nos textos anteriores. A diferença está no rumo dos filhos nos textos anteriores adverso ao do filho do poema em cena. O retrato viria aí sob a leitura de re-trato, numa introspecção do eu lírico para retratar-se não com o pai, mas com a imagem dele, construindo uma contraimagem, desvencilhando-se da sobreposição daquela; ou retrato se lê como afirmação de algo, de refacção e refacção perpétua da imagem? Se ficarmos com a segunda opção, o eu aqui é meio contido, pois ainda lhe faltou a coragem da partida, como em *Ressentimento*, e tampouco se enveredou na negação (ainda que tardia) do eu de *A terceira margem*.

Considerações finais

Para Bauman (2011), o mundo contemporâneo é duro, destinado a pessoas duronas. É um universo de indivíduos abandonados, contando apenas com as próprias habilidades, tentando ultrapassar e sobrepujar o outro (BAUMAN, 2011). No entanto, quando nos deparamos com textos como os aqui analisados, temos de reconhecer que, apesar de toda dureza do mundo, há um resquício de irredutibilidade a mover as reflexões e introspecções neles realizadas. Isso nos parece positivo, pois colocar os nossos conflitos à letra constituiria uma forma de reaver e construir sentimentos, impedindo que estes se transformem nos ressentimentos, alimentos do mundo duro de pessoas duronas.

Referências

- BAUMAN, Z. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. Trad. de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva: USP, 1973.
- NASCIMENTO, E. *Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- PEREIRA, L. da M. *Ser pai /ter um pai: uma breve análise da figura paterna na ficção brasileira contemporânea*. Anais do VIII Sappil – Estudos de Literatura, UFF, n. 1, 2017, p. 401-421.
- ROSA, J. G. A terceira margem do rio. In: ROSA, J. G. *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.
- ROSENBAUM, Y. *Guimarães Rosa: A Terceira Margem do Rio*. [Vídeo] Produção de A casa do saber. São Paulo, 2016. 3'31. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=82IAeFHc9Pc&list=LLj1XCB2uoZeouZ6UHmtci8A&index=2670>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- SALES, J. de O. *Impermanências*. Rondonópolis, 2019. Não publicado.
- SOUZA, R. A. Ressentimento. *Intransitiva*, Rio de Janeiro, v.2, n. 1, 2018, p. 13-14.